

O dia da vitória



Por **HUGO DIONÍSIO***

A cada comemoração a Rússia lembra a todo o ocidente que não apenas sabe quem cometeu os crimes, como demonstra toda a sua força e resolução para que tais crimes não voltem a ser perpetrados

1.

Não é apenas ingratidão... Antes fosse! São muito mais profundas as causas efetivas do desprezo, incompreensão, rejeição e repugnância, manifestadas pelas elites políticas dos EUA e da União Europeia, em relação às comemorações do dia da Vitória, o dia em que a URSS coloca um fim a um dos mais hediondos regimes saídos das entranhas da história humana e, seguramente, um testemunho do expoente máximo a que pode chegar a brutalidade ocidental, alimentada pelas raízes econômico-sociais fundadoras do capitalismo e do imperialismo.

Daí que o Dia da Vitória também se devesse designar de “Dia da Vergonha”, o dia em que um estado anti-imperialista, anticolonialista, atacado na sua essência mais profunda com a mais agressiva das armas que o capitalismo ocidental é capaz de produzir - o terror nazifascista -, perdeu 27 milhões dos seus melhores filhos e filhas, para nos salvar a todos de um problema para o qual não contribuiu minimamente. A vergonha ocidental não acaba nos crimes que cometeu contra a humanidade; a Rússia obriga o ocidente a viver e reviver anualmente o reconhecimento de que também ele foi salvo, de si próprio, pela vítima das suas agressões.

Esta dualidade explicará muito do ressentimento publicamente demonstrado, da vergonha escondida de uns e da angústia de outros, em relação à história da segunda guerra mundial. Como é que o regime mais odiado, diabolizado e vilipendiado pela mais avançada forma de capitalismo, o capitalismo ocidental - o que se percebe - foi também o que mais contribuiu para o combate, contra uma força opressora produzida no seio dos regimes - ocidentais - que se apresentavam como “moderados, democráticos, civilizados”?

Não deixará de constituir uma ironia histórica que a humanidade se tenha sentido tão ameaçada por um dos produtos mais emblemáticos do fanatismo ocidental e que, ao mesmo tempo, essa humanidade tenha sido salva por um regime que, esse mesmo ocidente, dizia querer destruí-la. É a história do diabólico criminoso que, afinal, se torna no mais abnegado e altruísta dos salvadores. É a epítome perfeita do ditado que diz “a verdade é como o azeite, vem sempre ao de cima”.

Como é que o maior criminoso de todos - o mais vilipendiado dos regimes - foi capaz de tão enorme altruísmo, não se limitando a expulsar o agressor da sua casa, mas indo ao limite das suas forças para definitivamente o derrotar? E como é que o mais bondoso e humano dos regimes, foi capaz de produzir, apoiar e alimentar tão hediondo ser, mostrando-se não apenas incapaz de o destruir sozinho, como tendo de assistir à sua destruição por aqueles de quem dizia nada de bom ser possível?

2.

a terra é redonda

Como pode conviver a Alemanha atual, governada pelos descendentes daqueles que compunham as garras do monstro nazista, com traumas como os que somos forçados a assistir, quando nos deparamos com imagens dantescas de ossadas humanas empilhadas, dessecadas e despidas de toda e qualquer dignidade? Imagens que hoje nos vêm parar às nossas TV's, passadas em Gaza, e as quais o ocidente, todo o ocidente, varre para debaixo do tapete que esconde os seus inúmeros e históricos crimes?

Como gostariam os que apoiam a segunda iteração do 3.º Reich, revivida a partir dos despojos históricos da 14ª Divisão da Galícia e preservados em algumas das mais privilegiadas e "civilizadas" metrópoles da grande civilização liberal, de apagar da história os retratos vívidos que deveriam suscitar outra coisa que não fosse a sua imensa vergonha e constrição, tal como fazem em relação aos mortos do Iraque, Afeganistão, Líbia, Síria ou à reprodução a vivo e a cores, do terror nazi no século XXI, desta feita perpetrado por quem se sabe ser a vítima do primeiro?

Habituados a escolher os seus heróis e a esconder, quando não sob a luz da recuperação providenciada pelo infame revisionismo histórico, os seus próprios demónios, a Europa ocidental, ventre fértil do fascismo da primeira metade do século XX, criado e crescido sob os auspícios da elite anglo-saxónica mais proeminente e alimentado pela mais orgulhosa prole estado-unidense, é obrigada a conviver com quem não lhe deixa esconder os seus crimes, a sua imensa culpa.

Afinal, quando considerado apenas o peso demográfico das mortes soviéticas na Segunda Guerra Mundial, estima-se que este país tenha perdido cerca de 26,6 a 27 milhões de pessoas durante a guerra, o que representava aproximadamente 13,7% da sua população em 1940. Tais perdas englobaram tanto militares quanto civis, sendo que cerca de 8,7 milhões eram soldados mortos em combate, enquanto o restante se deveu a massacres, fome, doenças, trabalho forçado e outras consequências diretas do conflito, ou seja, na sua maioria civis inocentes, como os que hoje morrem em Gaza, às mãos dos que são acerrimamente defendidos pelos netos dos que praticaram tão vil terror contra a URSS.

Talvez a forma seja mesmo essa. Com 13,7% da população perdida, não deve ser difícil a alguém imaginar que não existia um único cidadão soviético, um único cidadão ex-soviético e, mais certamente ainda, nenhum russo ou bielorrusso, que não tenha gravado na sua estrutura mental, familiar, social, carnal, o peso do drama que viu o seu ponto final no dia 9 de Maio de 1945. Nenhum. E se alguém tiver dificuldade em visualizar o que foi tamanha destruição e mortandade, não precisará de ir muito longe no tempo.

Uma vez mais, qualquer um de nós voltou a ter hoje o negro privilégio de vivenciar e assistir, desta feita ao vivo e a cores, em uma pequena amostra territorial, do que há-de ter sido o dano infringido pelo terror nazi à então URSS. Com as suas quase 100.000 mortes e outros tantos desaparecidos, cerca de 10% a 15% da população de Gaza já terá sido dizimada pelo exército sionista. Alguém pode pedir a um cidadão de Gaza que não sinta tão grande tragédia? Para quem tiver dificuldade em perceber o que custou o terror nazi ao povo russo e soviético, que ligue a TV!

3.

O problema é que o terror nazista, filho predileto do fascismo, irmão do sionismo, como muito bem provaram Cinthya Chung e Mathew Heret nos seus profundíssimos trabalhos sobre o tema, versões de uma opressão engendrada nos clubes seletos de Londres e nas caves obscuras dos Sirs ingleses, foi apenas um capítulo - o mais horrendo - do sofrimento com que o bloco imperialista ocidental quis punir um povo que teve a veleidade de produzir algo tão grandioso como a Revolução Russa e não se contentar com ela, mas levar avante as mais profundas transformações sociais que o mundo viu, em tão pequeno espaço temporal.

Por terem tido a veleidade de desafiar o imperialismo ocidental que amordaçava e manietava a Rússia pré-revolucionária, os povos russo e soviético foram obrigados a conviver com invasões sucessivas do seu território perpetradas por 14 potências imperialistas (1917-1922). Tendo sobrevivido a essa ameaça mortal e a todas as que se lhe seguiram, mascaradas sob muitas formas, a ameaça nazifascista foi a que lhe foi preparada com mais afinco.

a terra é redonda

O ódio, a raiva, a arbitrariedade, discricionariedade e a violenta voluptuosidade com que o exército nazi “premiou” a população soviética só pode ser entendida à luz da frustração e humilhação com que o ocidente foi obrigado a alimentar o monstro nazi, para então o atirar à jovem pátria soviética. A ameaça de perda de um prêmio apetecido, foi transformada num ódio tão profundo como o que hoje tenta isolar a Federação Russa e classificar o seu líder - Vladimir Putin - como o mais sanguinário tirano da história humana. O nazismo, como o banderismo, são ambos filhos dessa ganância, são ambos filhos desse ódio.

Daí que seja tão injuriosa como justificada a sanha raivosa com que o ocidente, através dos olhos de figuras acéfalas, olha para as solenes comemorações do Dia da Vitória. A Federação Russa, ano após ano, impede o ocidente de esquecer o mal que lhe fez, o mal que fez ao mundo e à humanidade. Com essa lembrança, a Federação Russa, âncora atual desse combate ancestral contra a tirania imperialista, por mais que a classifiquem enquanto tal, lembra também ao ocidente o seu caráter eminentemente criminoso.

Quando a repetição histórica é uma característica dos crimes ocidentais (pilhagem, escravatura, guerras mundiais, sanções, embargos, guerras por procuração, revoluções coloridas, destruição de países), tal significa que o crime não é um acidente na história do ocidente dominado pela cultura anglo-saxônica. É uma característica que lhe é inerente e que deve ser relembrada.

4.

Ao observarmos as ameaças de Volodymyr Zelensky a quem participa das comemorações do Dia da Vitória, as ameaças de punição de Kaja Kallas para os líderes de países candidatos que participem nas comemorações de Moscou, verificamos que esta Europa quer esquecer-se dos seus crimes, quer apagar os factos, a história, que tão grande embaraço lhe causa. É interessante sentir que Ursula Von Der Leyen e companhia, quando confrontados com tão significativa data, se comportam como alguém que, lembrado das suas vergonhosas raízes, ao invés de se mostrar humilde e merecedor de perdão, tenta libertar-se delas, da pior das formas possíveis: através do esquecimento alheio e do ataque às vítimas!

Mas como fazê-lo quando quem lho lembra é, de todos os países europeus, não apenas o maior, mais rico e poderoso, como o que mais sofreu com a ofensa? Como resistir - e combater - um oponente que reiteradamente faz questão, não apenas dignificar os seus mártires e respectivos descendentes, como de mostrar a todos, aos sete ventos e aos cinco continentes, a conduta vergonhosa a que o ocidente oligárquico, capitalista, neoliberal, é capaz de chegar quando se trata de defender os seus ilegítimos interesses?

E como poderia a Rússia esquecer-se de tal ofensa? Apenas e só a União Soviética foi responsável por mais da metade de todas as mortes ocorridas na Segunda Guerra Mundial, que totalizaram cerca de 50 milhões globalmente. A Rússia, só por si, terá ficado com mais de 1/3 à sua conta. Como poderia a Bielorrússia não participar no dia da vitória quando perdeu cerca de 25,3% de sua população?

Exemplo do infame esquecimento que a União Europeia e os EUA querem imprimir sobre o passado é o da Ucrânia. Tendo perdido cerca de 16,3% da sua população, este país que não existiria sem a URSS, é hoje usado num duplo sentido. Por um lado, alvo de traição pelas suas elites oligárquicas, volta a ser armado e fanatizado, tal como o havia sido a Alemanha nazi, para ser atirado à Federação Russa. Pegando nos resquícios históricos do colaboracionismo nazista, o mesmo que alimenta a loucura nazifascista que reemergiu na Polónia, Estónia, Lituânia, Finlândia, Letónia e na própria Alemanha, os EUA, auxiliados pela sempre solícita União Europeia, não apenas recriaram o ambiente bandeirista da segunda guerra mundial, como transmitiram o vírus a uma parte importante da população ucraniana e, mais grave ainda, a toda a União Europeia.

Na Ucrânia atual assistimos a tudo o que a União Europeia gostaria de fazer à Rússia, quando lhe jogasse a mão: proibir-lhe os partidos patrióticos, como fez o “bandeirismo” na Ucrânia, encerrar-lhe os órgãos de comunicação social e perseguir sua língua, religião e cultura, como fizeram a Ucrânia bandeirista e a União Europeia de Von Der Leyen.

a terra é redonda

A Ucrânia é hoje também o laboratório vivo do processo de revisionismo e reescrita histórica. As vítimas passaram a agressores e os agressores a heróis. Estátuas de criminosos de guerra e genocidas, inclusive de ucranianos e judeus, passaram a erguer-se no país. Símbolos nazistas foram gravados a letras de ouro à vista de todos, perante o total acriticismo ocidental. A Alemanha que pune criminalmente a utilização de símbolos nazis, esquece-se do seu vergonhoso passado quando vai a Kiev. Em Kiev, ao invés de responsabilizada e relembrada dos crimes cometidos, para que nunca mais se cometam, ao invés, é idolatrada e a sua história recuperada.

O mecanismo é simples e foi usado de forma muito repetida. Primeira compara-se o nazi-fascismo ao comunismo e, diabolizando o segundo, normaliza-se o primeiro; depois, compara-se a URSS à Alemanha nazi e, diabolizando a primeira, recupera-se a segunda. A partir de então fica a via aberta para a reescrita da história e para o esquecimento coletivo do passado.

5.

O sistema está tão aperfeiçoado que já não é apenas na Ucrânia que se esquecem os crimes que a própria sofreu às mãos do imperialismo ocidental. É no próprio Japão, país vítima de duas bombas atômicas ali lançadas pelos EUA, de duas tecnologias diferentes, para que não restassem dúvidas sobre a que melhor cumpriria os desígnios belicistas a partir de então prosseguidos.

Neste Japão esquecido do seu passado, da sua história, do seu sofrimento, o primeiro ministro é capaz de falar uma hora sobre Hiroshima e Nagasaki, sem nunca falar de quem lançou tais bombas e, no final, falar apenas de quem as não lançou: a Rússia.

Se dúvidas houvessem sobre a eficácia de tal método, vejamos como a União Europeia apaga hoje Gaza da sua memória, quando Von Der Leyen se oferece para ajudar Israel a apagar fogos que, segundo consta, os próprios colonos que ocupam à força território palestino, fizeram propagar. Veja-se como uma alemã de gema, que apoia a mais vil renascença histórica do nazismo na Ucrânia, se mostra tão solícita a “ajudar” um povo que foi uma das principais vítimas da ideologia que ela hoje apoia e tenta esconder dos olhos mais atentos.

E o que dizer de um Ocidente que apoiou o *apartheid* na África do Sul, aparecer depois a idolatrar Mandela, para depois novamente poder apoiar outro apartheid em Israel? Que bom é poder praticar crimes e depois, ao invés de ser punido, punir e culpar as vítimas e auto anunciar-se como herói salvador. Que bom é poder, uma e outra vez, poder destruir nações inteiras, sancionar, embargar, e acusar outros de o fazer, aparecendo como salvador.

Que fantástico é poder ingerir em processos eleitorais alheios, à vista de tudo e todos (como na Geórgia em que altos responsáveis da União Europeia desfilaram em manifestações da oposição) e acusar outros de fazer aquilo que se diz não ter feito. Como é bom ter o poder de anular eleições e impedir candidatos de concorrerem e, ao mesmo tempo, sem um pingo de vergonha, chamar ditador a quem é eleito pelo seu povo e libertador a quem se perpetua no poder, tendo caducado o seu mandato.

Este ocidente que se julga dono da história, que de uma assentada faz a sua auto penitência, não para que aprenda alguma coisa com ela, mas apenas para que se sinta livre para praticar, uma e outra vez, os atos que o deveriam envergonhar, não pode, não quer, quer fugir do convívio com a lembrança repetida dos seus crimes. É isso que procuram EUA e União Europeia de cada vez que se mostram incomodados com a comemoração do 9 de Maio como o Dia da Vitória.

Afinal, a cada comemoração, a Rússia lembra a todo o ocidente, a todo o mundo, que não apenas sabe quem cometeu os crimes, como demonstra toda a sua força e resolução para que tais crimes não voltem a ser perpetrados.

6.

a terra é redonda

A cada Dia da Vitória é como se o povo russo dissesse aos seus algozes: eu sei quem vocês são, sei o que pensam de mim, sei o que querem e aviso-vos de que, se cá vierem, vão ter a punição que merecem. Vejam essa parada, vejam esse exército vitoriosos, vejam este orgulho... Vejam o que vos espera, se voltarem outra vez a tentar fazer de nós os vossos escravos.

Esta é a razão pela qual a União Europeia está tão impregnada de ódio e tão afundada no *titanic* ucraniano. O instrumento que criou para calar este “malcomportado” aluno russo, este insubmissso escravo, este aprendiz indisciplinado da gloriosa civilização liberal, está a fracassar de forma contundente. Se os EUA de Donald Trump tentam escapar através da própria emulação na qualidade de “mediadores” 2.0 (o 1.0 é na Palestina), à União Europeia nada mais resta do que a vitória, ou a derrota. Tal como o original havia levado a Rússia quase à derrota, também o Ieltsin ucraniano está quase a consegui-lo.

E é aqui que esta gente se torna perigosa. Gente mimada, habituada a ter tudo à sua maneira, “educada” nas melhores escolas e universidades que o dinheiro pode comprar, desfilando nos órgãos de comunicação social que a oligarquia pode dominar e beneficiando da manipulação que as melhores agências de comunicação podem vender, viu serem desmontadas todas as suas estratégias de desestabilização do seu prémio mais apetecido: a Rússia.

Mas a Rússia não apenas desmontou a armadilha que lhe estava dirigida; a Rússia remontou a armadilha ao contrário! E de que forma! Não a conseguindo desmontar, é a sua própria existência que fica em risco. Interessante assistir ao feitiço que se vira contra o feiticeiro. A União Europeia poder destruir-se pela armadilha que havia criado para partir a Rússia aos bocados.

Mas não se fica por aqui a afronta. Quando constatamos que Ibrahim Traoré - qual herói de uma jovem África - se desloca a Moscou para participar nas comemorações do Dia da Vitória, não podemos senão pensar que, uma vez mais a pátria Russa enterra uma espinha na garganta daqueles que todos os males pensaram poder fazer e nenhuma penitência ter de praticar. Ao receber o jovem e promissor chefe de estado do Burkina Faso, que fez mais pelo seu povo num ano - como nacionalizar o ouro e pagar a dívida soberana - do que os fantoches financiados pela França, Vladimir Putin volta a afrontar as mesmas elites que foram responsáveis pelo terror nazi-fascista. Neste caso, do “herói” nacional francês, Napoleão.

Não sendo o mesmo país que era a URSS, esta afronta, acompanhada por outros resistentes do imperialismo e da mais impune e desumana repressão de que é capaz, Cuba, Venezuela, Coreia do Norte (que sofreu às mãos dos EUA níveis de terror similares aos que sofreu a URSS nas mãos do nazifascismo), Irã e muitos outros, a Rússia volta uma vez mais a afirmar-se como bastião e refúgio de povos oprimidos pela ganância neocolonial. A Rússia volta a dizer ao ocidente: enquanto eu existir, serão obrigados a viver e a lembrar a vossa vergonha!

E é com esta vergonha que os EUA e a União Europeia não querem conviver. O Dia da vitória para a Rússia, equivale ao dia da vergonha para o ocidente!

***Hugo Dionísio** é advogado, analista geopolítico, pesquisador do Gabinete de Estudos da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP-IN).

Publicado originalmente no portal Strategic Culture Fundation.